1.º anno | Lisboa, 23 de março de 1885 | Numero 39

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem, E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gallis A.; D. G. Torresão; J. C. Machado; Julio de Menezes; L. A. Palmeirim; Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

CHRONICA

Asseveram os calendarios que chegou já a Primavera, n'um carro azul e oiro, toda impregnada de perfumes, toda esplendente de luz, exhibindo na fronte um bello diadema de raios de sol, e soltando dos labios vermelhos umas endeixas lyricas, de desafio, subscriptadas a Eduardo Vidal, seu amigo velho.

Tambem as folhas noticiam que ja foi vista em Vizeu, demandando os ninhos desertos, a guarda-avançada d'uma legião d'andorinhas hibernantes.

Simples facecia das gazetas, pura *blague* dos calendarios mentirosos.

Eu, por mim, ainda não enxerguei a deusa gentilissima, que todos os annos costumava trazer-nos violetas no regaço, canticos de rouxinoes na bocca rosada, calor e vida no olhar luminoso.

Ando todos os dias a ver se descubro, n'algum canto, as suas fulgurações diamantinas, se oiço em qualquer parte as harmonias da sua garganta previlegiada, se me aqueço ao seu halito suavemente morno, e afinal, quasi que sinto em mim o frio intenso de janeiro: nem calor, nem a opulenta orchestração da natureza tocando-nos a alvorada, nem uma faisca de sol que nos avigore os musculos entorpecidos, nem sequer uma tepida noite de luar, que alegre a alma enfermissa e moribunda dos poetas!

Andorinhas em Vizeu! Podia lá ser?!

Se isto fosse verdade, atrever-se-ia Simões Dias, o mimoso bardo viziense das *Peninsulares*, a pôr de parte a lyra afinada dos seus castos devaneios, e a dissertar no parlamento, onde o ouvimos, sobre a massa de ferragens para solipedes, a pedir muares para os regimentos d'artilheria de posição, a fallar em subsidios de rancho para a tropa, e em tantas outras coisas marciaes, que a musa ridente da Primavera repelle com asco?

Não se atrevia, de certo.

Em face d'este prosaismo chato que atacou o illustre vate beirão, postados diante d'esta má catadura atmospherica, que nos confrange e enerva, somos levados a crer na perpetuidade da invernia do triste 85, n'esta invernia desapiedada e cruenta, que desencadeou por toda a parte procellas tremendas, que esmagou

PORTO—EGREJA NOVA DE S. DOMINGOS

no Egypto o poder colossal da Albion orgulhosa, que nos deu o prologo d'uma guerra latente entre a Inglaterra e a Russia, e que transformou a bella Granada n'um montão de ruinas informes.

Parece que a Natureza se compraz em tornar mais sinistra a *mise-en-scène* d'este theatro mundano onde tantas e tão medonhas tragedias vemos desenrolarem-se, negando-nos os esplendores d'uma aurora sem chuviscos, as bellezas d'um pôr do sol sem nuvens pardacentas, e as delicias d'uma noite sem frio. Indubitavelmente, ou as estações se inverteram, por uma causa qualquer, que aos nossos apoucados conhecimentos astronomicos não é dado descobrir, ou a casta Primavera dos idyllios romanticos emigrou, com medo de ser esfaqueada.

Porque entre nós—vergonha é confessal-o—está-se esfaqueando brutalmente, desalmadamente, sem a mais leve noção do que seja o amor do proximo, com um desrespeito assombroso por todas as leis divinas e humanas. A facada é a suprema *ratio* dos Othellos de meia escudella, o derradeiro argumento dos brigões d'Alfama com biographia escripta no cadastro policial, a ultima palavra nas pugnas d'aquelles mesmos indigenas que a policia não conhecia ainda e que a opinião publica nos apontava como gente de boa nota.

Na rua do Capellão, um malandrim da peior estofa mimoseia o seu similhante com dez navalhadas. Tantas como os dedos das mãos. Se mais dedos tivesse, mais navalhadas daria. Procura-se a mulher n'este hediondo crime, e a mulher apparece-nos sob o aspecto não menos hediondo d'uma infeliz, das muitas que ahi se vendem, por baixo preço, nos prostibulos pelintras da fadistagem réles.

Nojento!

Na estação dos caminhos de ferro a Santa Apolonia, um trabalhador honesto, Filippe Gonçalves, assassina um seu companheiro, Jacyntho José Jorge, varando-lhe o coração com a arma traiçoeira e torpe dos gatunos emeritos.

Horas depois, vae por sua muito livre vontade confessar o crime e pedir que o mettam entre os ferros d'el-rei.

N'este caso sangrento não foi o aspide venenoso do crime que moveu o braço do homicida confesso: foi uma simples rixa suscitada ao findar o trabalho, uma questiuncula de pouca monta, que tivera por prologo meia duzia de palavras sem pezo. Mas a navalha, a vilissima navalha estava ali, sobre uma banca,—deploravel acaso!—tentando um dos contendores com o brilho perfido da sua folha reluzente. E de tal modo o tentou, que elle cravou-a no peito do outro.

Perante a policia, confessou o assassino que fizera aquillo por... ter perdido a cabeça.

Todos elles dizem o mesmo, *mutatis mutandis*.

Mal comparado, lembra-nos isto a historia d'aquelle pae tyrannico e severo, que apostrophava violentamente a filha por ter deixado *amachucar* a corôa de flor de larangeira:

—Desgraçada!
—Perdão, meu pae!
—E' pois certo?
—Por infelicidade minha!
—Mas como se passou tudo isso?
—Nós viamo-nos todos os dias...
—E depois?
—Depois, amámo-nos.
—E depois?
—Sahimos juntos á noite.
—E depois?
—Levou-me ao *restaurant* do Silva.
—E depois?
—Deu-me um beijo.
—E depois?
—Depois perdi... a *cabeça*!

Filippe Gonçalves tambem perdeu... a cabeça, e fez com que o companheiro fosse perdendo a vida.

O mais triste é que o assassino tem mulher e oito filhos, de quem era amparo, e o assassinado estava para casar tres dias depois da data do crime.

Quantos infelizes não fez aquella navalha traiçoeira!

As tragedias ahi apontadas, são, para assim dizer, os *hors d'œuvre* da ruidosa bacchanal do crime, que ha bons trintas dias se agita desenfreadamente em Lisboa e circumvisinhanças.

Os pratos de resistencia continuam a ser constituidos pelos delictos do Soriano, preso em Torres Novas, e pelo caso da rua Formosa, cada vez mais envolto nas sombras negras do mysterio. A *reportage* condimenta esses successos com a narrativa melodramatica d'episodios de sensação, e as gazetas vão dando, como desenjoativo picante, ao basbaque indigena, o retrato da Maria Eugenia, visto de perfil, a tres quartos, com trajes minhotos e *toilettes* de todos os feitios.

Phryné, a celebre cortezã grega, exhibiu, diante dos juizes maravilhados, as suas formas correctas e marmoreas. Maria Eugenia mostra-se em photographia e gravura aos archotes da opinião publica, para attrahir sobre si as sympathias que se devem a uma mulher bonita, conscia de que o melhor meio de apagar duvidas no espirito dos seus accusadores é mostrar-lhes um palminho de cara gentil.

Decididamente, não ha nada como ser-se mulher e bonita.

Por causa d'esta famosa Maria Eugenia estiveram já para bater-se dois jornalistas distinctos do mesmo gremio politico.

Vejam o poder fatal da sua diabolica belleza!

Felizmente, o bom senso metteu-se de permeio, e não se avultou com sangue de duellos a cabidela dos ultimos crimes.

—Em má occasião nos deu o visconde do Arneiro a sua *Derelitta* formosissima, constellada de bellezas raras. Mal escolhido foi o ensejo para nos offerecerem, no theatro dos Recreios, o delicado *spartito* do *Promessio Sposi*, e em D. Maria a *Aspasia* de Augusto de Lacerda e *Um jogo de cartas*, de Alves Crespo, aquelle mimo poetico, que encerra versos d'este quilate, postos nos labios da actriz Virginia:

....
Ao mesmo tempo... é tão doce
Ser-se amada como eu sou,
Ter um marido e um lar!...
Que, emfim, se *elle* me deixou
Foi porque eu disse que fosse.
Não queria elle ficar
Apenas me conheceu
Um pouco contrariada?...
Logo: a culpada fui eu:
Não ha de que estar zangada!
E eu a accusal-o, coitado!
Tão meigo... tão extremoso...
E como foi delicado!
E como foi carinhoso!

Em tempos normaes, de calmaria e de remanso, a *Derelitta* e o *Promessi Sposi*, a *Aspasia* e *Um jogo de cartas*, seriam o assumpto predilecto dos chronistas, impondo-se á critica do jornalismo. Mas agora, quando a chronica é escripta com sangue e os espiritos andam apavorados pelas narrativas estrambolicas de tanto crime repugnante, põe-se de parte a opera, o drama e a fina *bluette* em verso, para se pensar apenas nas tragedias de Torres Novas, da rua Formosa e de Santa Apolonia.

E' por isso que todas aquellas esplendidas exhibições theatraes não receberam, talvez, na imprensa, o louvor a que tinham direito.

E é por isso, tambem, que passam despercebidas as noticias do casamento da Borghi-Mamo e do estado interessante da Sembrich. Entre nós, só o governo saudou esta ultima boa nova, agraciando com o habito de Christo o marido da *diva* polaca.

Era justo: nunca uma venera foi tão bem cabida.

E aqui estou eu sem espaço para responder a varias insinuações immerecidas que um noticiarista anonymo do *Amphion* me subscripta, a proposito dos zingaros... Fica a resposta para outra vez, ou para outro local mais azado a polemicas d'este genero, se eu, passados oito dias, estiver ainda disposto a discutir o assumpto.

C. DANTAS.

P. S. Parece-me que vem chegando agora mesmo a Primavera. Vou saudal-a com o melhor dos meus madrigaes.

QUADRO MINHOTO

Silenciosa a tarde vae cahindo;
P'lo campo andam uns velhos aldeões;
Lá na curva da estrada vem surgindo,
A trote, uns formidaveis alazões.

Ao lado do caminho, uns jornaleiros,
Mal ouvem os cavallos relinchando,
A enchada pouzam logo, e vão ligeiros
Saber quem vae no carro ali passando.

E ao verem a elegancia d'um vestido
E um rosto feiticeiro e conhecido,
Inclinam respeitosos a cabeça...

No seu formoso *break* recostada,
Sorrindo, passa alegre e perfumada
A herdeira do fidalgo, a viscondessa.

JOSÉ RODRIGUES VALLE.

GARRETT E O SEU TEMPO

XII

Pelo enthusiasmo com que fallámos nos incomparaveis talentos oratorios de José Estevão, não se julgue nem por sombras que temos em menos conta os de Garrett. A leitura dos seus discursos arrebata-nos, e, como nunca o ouvimos, mal podemos julgar o que elle seria na tribuna. O que fizemos, porém, no antecedente artigo foi rebater as palavras menos justas proferidas pelo sr. Gomes de Amorim a respeito de José Estevão. Ser-nos-hia impossiv l fazer conscienciosamente a comparação entre Garrett e José Estevão. Ouvimos José Estevão e nunca ouvimos Garrett; lemos Garrett e pode-se dizer que nunca lemos José Estevão, porque o pouco que figura nas paginas dos *Diarios* com o nome de discursos de José Estevão, póde affirmar-se que não é, que nunca foi a fixação no papel d'aquella palavra apaixonada e ardente, de que só guardam memoria fiel os echos da sala do parlamento, que nunca mais ouviram accentos semelhantes.

Pareceu nos incompleta e como mais de uma vez temos notado, a descripção feita pelo sr. Gomes de Amorim do papel parlamentar de Garrett. Cingiu-se demasiadamente o sr. Gomes de Amorim ao seu papel de biographo. Dá conta de todos os discursos pronunciados pelo seu heroe, faz d'elles extractos larguissimos: isola-o porém completamente, não o colloca no tempo e no espaço, ao lado dos seus amigos e em frente dos seus adversarios, não o rodeia da athmosphera da discussão em que vibravam as suas magnificas orações. Comtudo ha, como sempre, n'este ponto do livro do sr. Gomes de Amorim, particularidades preciosas, anedoctas graciosissimas, como é a seguinte, que nós já conheciamos, sem sabermos porém que se déra o caso com Leonel Tavares:

«Entrando na camara, achou Leonel fallando. No momento de abrir a porta, exclamava o orador:

—Sr. presidente, dizem todos os publicistas...

Ignorando absolutamente de que se tratava, o poeta, caminhando para a sua cadeira, disse em voz alta:

—Não são todos.

Sobresaltado com a interrupção, emenda Leonel:

—Sr. presidente, dizem muitos publicistas...

—Tambem não são muitos, replica o cruel interruptor, proseguindo serenamente no seu caminho.

A camara já ria a bom rir. Muito desconcertado, a victima lança ao poeta um olhar indescriptivel, e torna:

—Sr. presidente, dizem alguns publicistas ..

—Diga quaes são, volve sentando-se o implacavel zombeteiro.

—Pois bem, sr. presidente, digo eu...

—Ah! isso agora é outro caso. O senhor póde dizer o que quizer.

Presidencia, camara, galerias, rompera tudo em gargalhadas, sem que fosse possivel manter-se a gravidade do logar durante alguns instantes.»

Um assumpto, que é tratado com bastante desenvolvimento pelo sr. Gomes de Amorim, e a respeito do qual nos dá effectivamente muitas noticias interessantes, é a questão da propriedade litteraria, de que foi Garrett sempre um perseverante propugnador.

O relatorio do projecto de lei apresentado por Garrett, na camara, para estabelecimento da propriedade litteraria, é uma verdadeira obra prima. Não o conheciamos, e admirámos devéras aquella exposição lucida e substanciosa, tão differente dos magros relatorios que em épocas mais recentes teem precedido bastantes projectos de lei.

O papel representado por Herculano, n'esta questão de propriedade, é tambem largamente descripto e commentado com demasiada amargura pelo sr. Gomes de Amorim. Sou tanto mais imparcial n'esta minha observação quanto, partilhando completamente as idéas de Garrett e do sr. Gomes de Amorim ácerca de propriedade litteraria, procurei até em tempo, e já depois da morte de Herculano, refutar as idéas do grande historiador n'uma brochura intitulada *A propriedade litteraria, carta ao imperador do Brazil*, que o sr. Gomes de Amorim não conhece de certo, porque, se a conhecesse, alguma vez a citaria, ainda que não fosse senão quando essa brochura tem a honra de se encontrar com o livro do sr. Gomes de Amorim em algumas idéas e argumentos.

Não sou pois suspeito, porque sou um dos que mais se teem espantado com os paradoxos de Alexandre Herculano. Nunca percebi como foi que um espirito tão lucido e tão logico se poude deixar seduzir pelos sophismas que predominam na sua celebre carta. Mas desejaria bem que o sr. Gomes de Amorim, sem deixar de combater pela causa justissima que defende, mostrasse um pouco mais de reverencia pelo gigante, que ha oito annos desappareceu do mundo dos vivos.

Mas deixemos isso: o que ha devéras interessante na obra do sr. Gomes de Amorim é a historia intima de dissenções que houve entre Herculano e Garrett por causa d'esse assumpto. Herculano mandou a Garrett a carta que escrevera e imprimira; Garrett respondeu-lhe com a seguinte carta, que transcrevemos, porque é um documento preciosissimo para a nossa historia litteraria.

«Alto do Salitre, 28 de septembro, 51.

«Meu am.º e snr.—Agradeço o obsequio da sua carta, que hontem recebi em S. Bento, e que, pela letra do sobrescripto, conheci que vinha da sua mão. Não lhe sei expressar o sentimento que tenho de me ver tão largamente discordante da sua opinião sobre um assumpto grave como é a propriedade litteraria; e é maior ainda o meu sentimento, porque sei que ambas as nossas convicções são profundas e sinceras—e não dão portanto esperança de se approximarem jámais. Póde ser—e sei que é—muito menos sincera a fé de muitos dos que sustentam a minha e aproveitam com ella; mas é certissimo que, nos que seguem a sua, ha um grandissimo numero de tratantes e traficantes da escravatura branca dos pobres auctores.

«Folgo de que esteja convencido de que a minha opinião, velha, radicada, e tenaz como tem sido, não é, nem pode ser movida senão por outras especies de motivos—d'aquelles que sempre e unicamente me movem em tudo—é o que eu entendo ser o bom e o justo,

«Agradeço-lhe as expressões de consideração da sua carta; mereço-lh'as só por uma razão, e é porque ha muito e sempre lh'as paguei adiantadas—sem favor da minha parte, é certo: mas n'estes tempos justiça mesmo se não faz sem favor. Não direi o mesmo do seu artigo do *Paiz*, que sinceramente confesso me feriu, não pelas idéas, mas pelo modo sarcastico e pelas insinuações de motivos que o infinito numero de intrigantes e malevolos que nos rodeiam aproveitariam de certo para fomento da calumnia, seu pasto e regozijo.

Jervis pedia-me que respondesse a tal artigo; eu respondi-lhe que a resposta estava nos meus officios que a secretaria de estado devêra ter publicado com a convenção, assim como no meu relatorio á camara dos deputados em 1838 e 1839. D'ahi a publicação de alguns dos ditos papeis. N'um d'elles citei o seu nome, porque ainda estou convencido que até ha no projecto (hoje decretado) um artigo (ou paragrapho) seu sobre escriptos immoraes ou coisa que o valha. De que ninguem então absolutamente impugnou o principio da propriedade litteraria estou certissimo. E as actas e diarios da camara farão fé.

Meu amigo, a Inglaterra, que copiou a minha pobre convenção, a que realmente não sei porque cabe o epitheto de *triste*, o Hanover que tambem já o fez—a Prussia e a Hespanha, que o estão fazendo, lhe dirão melhor que eu quanto é necessario converter em direito internacional as regras que defendem *isto* que eu chamo propriedade litteraria, por não separar-me da linguagem que todos entendem—a que daria de boa mente outro nome, se lh'o achasse—embora ella não tenha, como não tem, todos os caracteres que, em stricto apice commum de direito, deve ter a propriedade. Assumpto para brilharem talentos como o seu e forças dialecticas superiores, mas que me parece não mudam o estado da questão.

Direi muito mais: hoje estou doente e massado de trabalho. E verdadeiramente não quiz nem queria dizer-lhe senão que agradeço a remessa do exemplar da sua carta, que me deixou mais *impenitente* e endurecido do que nunca: mas satisfeito de que os intrigantes, que tanto mais poderosos são, quanto lidam com caracteres severos e ingenuos como o seu, o não podessem persuadir de que eu—nem por desforço—era capaz de faltar a um amigo—ainda persuadido de que elle me faltava.

Emquanto não respondo á *materia*, esta é a resposta provisoria á *forma*—aliás ainda muito *objeccionavel*, em *certos pontos* da sua carta.

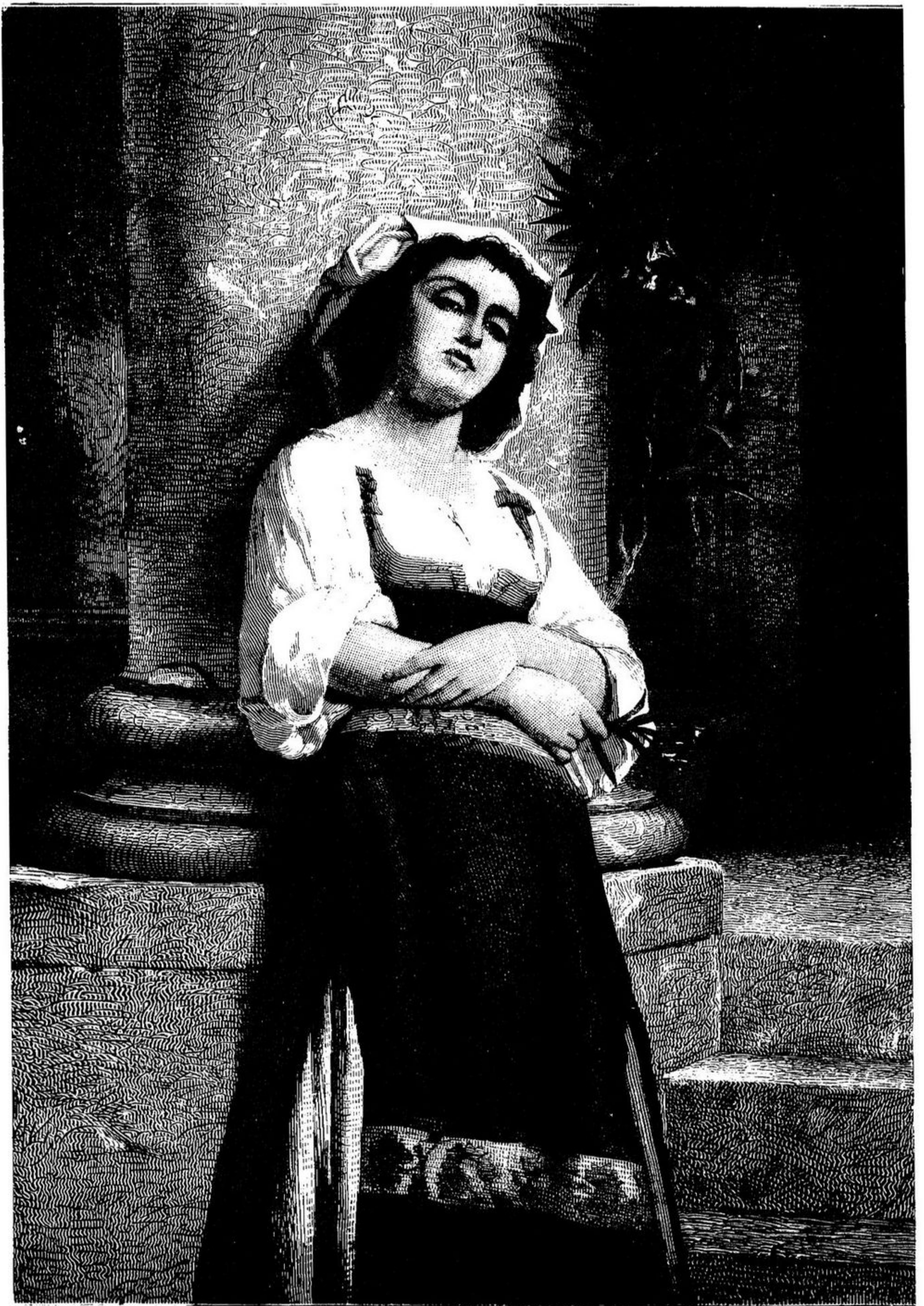
Bem sabe que sou seu amigo verdadeiro e obrigado—*Almeida Garrett*..»

A resposta de Herculano a esta carta de Garrett, tão simples e tão nobre, é, devemos dizel-o, prolixa e rabugenta. Sentimos não a poder transcrever pela sua extensão, porque é tambem um documento precioso do singular furor que se apossava de Herculano quando se tratava de propriedade litteraria. Parece que elle, no fundo da consciencia, sentia que sustentava um paradoxo, e que por isso mesmo se exaltava na sua defeza. A serenidade de Garrett, serenidade propria de quem tem a consciencia de que defende a verdade e de que tem por si a consciencia universal, como que o desvairava, fazia-lhe, como se diz, perder as estribeiras. Muito mais do que a carta impressa, esta carta particular, agora publicada pela primeira vez pelo sr. Gomes de Amorim, mostra o estado singular do espirito de Herculano em toda esta questão.

PINHEIRO CHAGAS.

CANTARES

III

O rio leva mais agua
E não choveu, todavia...
E' a que vem d'esta magua
Ter aos meus olhos, Maria!

DOLCE FAR NIENTE

UMA FAMILIA NOBRE (GUEUX) PERANTE O TRIBUNAL DE SANGUE

OS DOIS MODELOS

IV

Por mais que tu longe estejas
De te amar não cessa o ardor:
Que tu és sol que dardejas,
A luz que accende este amor.

V

Ouço a rosa murmurar
Que és muita má... Eu, porém,
Nunca t'o pude chamar...
Apesar do teu desdem.

MANUEL DE MOURA.

AS NOSSAS GRAVURAS

PORTO—EGREJA NOVA DE S. FRANCISCO

A egreja de S. Francisco, do Porto, está situada na rua de S. Francisco, junto da Bolsa.

Pertenceu aos religiosos observantes da ordem de S. Francisco, que se haviam estabelecido fóra dos muros da cidade, em 1233.

Dois seculos depois, D. João I, por causa dos estragos que os de Castella haviam feito no antigo edificio, durante a ultima guerra, mandou que edificassem novo monumento, o que fizeram no local onde hoje se vê, e para onde se mudaram em 1404.

A fabrica da egreja é grande e rica. Divide-se em tres naves, que se admiram pela muita entalha em madeira, que as cobre e que é toda dourada.

Incendiado o convento, que então servia de aquartelamento militar, na noite de 24 de julho de 1832, sobre as ruinas do antigo mosteiro construiram os commerciantes d'aquella praça o edificio da Bolsa.

Perto d'essa egreja vê-se a egreja nova ou capella de S. Francisco, cuja fachada a nossa estampa representa.

Está conservada com muito aceio, e tem quadros de Vieira Portuense.

E' digno de attenção o amplo e famoso cemiterio subterraneo, sem egual em Portugal. E' todo em abobada e similha as catacumbas de Roma.

DOLCE FAR NIENTE

Sonnolenta, languida, a desafiar beijos e caricias n'aquella *pose* de *madonna* grega, não podemos saber ao certo se é a estatua provocadora da seducção, tentando quem passa, ou se é apenas uma formosissima rapariga do povo, boa e simples, que se poz ali a descansar de longa caminhada, e que pede ao *dolce far niente* d'alguns minutos o vigor preciso para ir mais longe.

Seja o que fôr, ninguem deixará de chamar-lhe encantadora, mesmo envolta, como a estamos vendo, n'aquelles trajes singellos e despretenciosos.

OS DOIS MODELOS

O titulo explica bem a gravura. São os dois modelos do *atelier*, que se estão divertindo um com o outro. E' o *manequim* e o *modelo vivo*. Só ella é que nos poderia dizer que graça encontra n'aquella brincadeira. Não tem que fazer, faz aquillo. O artista, dono do *atelier*, é que talvez não gostasse, se visse aquella dança, que póde dar em resultado o ficar com dois *manequins* em vez d'um. Aquella brincadeira não póde deteriorar o *vivo*, mas póde ser fatal ao morto. Aos que a accusarem de empregar mal o seu tempo, seria bom perguntar se os que trabalham para enriquecer, se os que lêem maos livros, se os que ouvem má musica e se os que vão ver representar más comedias, o empregam melhor. E' divertimento d'um cerebro ôco, é verdade, mas passar a vida a fazer negocios para ser cada vez mais rico, acaso é occupação menos banal do que esta, ou mais digna d'um cerebro bem organisado?

UMA FAMILIA NOBRE PERANTE O TRIBUNAL DE SANGUE

Este quadro representa um incidente na Hollanda, durante a lucta entre Philippe II de Hespanha e os fidalgos neerlandezes, que se recusavam a abandonar a religião reformada para seguirem a do fundador da Inquisição. Filippe, desesperado com a resistencia que elles lhe fizeram, mandou o duque d'Alba, com um poderoso exercito, para sujeitar aos hollandezes e ao mesmo tempo destruir a confederação dos *gueux*, que se tinha formado entre os fidalgos para defenderem o protestantismo. Como a obra da vingança contra os nobres não era possivel com os tribunaes ordinarios, por causa das demoras das formalidades dos processos, erigiu um novo tribunal, que foi bem conhecido pelo nome de «tribunal de Sangue» nome sinistro dado pelo povo. Todos os que eram accusados de prégar ou de terem dado asylo aos prégadores, eram presos como reus de alta-traição. Uma grande parte pertencia ás familias ricas e fidalgas, por isso que se recommendava aos delatores o escolherem estas de preferencia. Os fidalgos soffreram esta perseguição com bastante coragem. Perseguia-se por prégar, e os que não prégavam, bastava que recebessem em suas casas algum prégador, ou que o soccorressem, ou que tivessem assistido a alguma ceremonia da nova Igreja, ou que tivessem mostrado por qualquer outro meio affeição ás doutrinas prohibidas; bastava um pretexto d'esses para serem perseguidos. O tribunal sentenciou muitos á morte. Velhos e novos morriam heroicamente, até que, em 1572, os *gueux* revoltaram-se, começando uma lucta que durou vinte e sete annos e que acabou pela independencia dos Paizes Baixos. O episodio representado na nossa gravura é o da leitura do acto de accusação de uma familia de fidalgos.

QUE BELLA CABEÇA!

O desalinho artistico d'aquella cabelleira, a amplidão d'aquella testa, e, sobre tudo, o brilho intenso d'aquelles bellos olhos pretos, muito rasgados e muito luminosos, denunciam um espirito capaz de largos voos, susceptivel de grandes commettimentos.

Ha n'aquella fronte juvenil e intelligentissima como que os reflexos d'uma alma d'artista a desabrochar. Sente-se a gente bem fitando-a, e não póde deixar de dizer, ao cabo d'um instante de contemplação:

Que bella cabeça!

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

NINA.—Mil agradecimentos pelas suas boas palavras. Procuraremos cumprir á risca o nosso programma, satisfazendo tanto quanto possivel os desejos dos nossos leitores.

CABO D'ESQUADRA.—Leiria.—O soneto está incorrecto, e por essa rasão não o publicamos.

MURÇAENSE.—Belem.—Tenha paciencia, mas ainda não lhe chegou a vez. Roma e Pavia não se fizeram n'um dia.

TOM POUCE.

CHARADAS

NOVISSIMAS

No homem e no navio é embarcação—2—2.

Este verbo e e este instrumento formam uma povoação portugueza—1—1.

ZÉ-FUNÉ.

Esta medida não tem nada de barato, porque é de barro—1—2.

Quem substitue a divindade é o Papa—2—2.

Coimbra. ABRUNHOZA.

Quente e meiga allumia—1—2.

Rio. SOUSA LAURINDA.

Este fructo está na musica e traz-se na mão—2—1.

Este verso e esta mulher é producção d'animal—2—2

Cintra. MENDES E SILVA.

EM VERSO

E' só d'agua que se formam—2
Não senhor! Tenha lá mão!—1
Dentro d'agua é que se cria,
Mas formar-se d'ella, não.

CUSTODIO SILVA.

EM TRIANGULO

. . . . Nome de mulher
. . . . Nome de homem
. . . . Observação
. . . . . . Arvore
. . . . . Instrumento
. . . . Musica
. . . Substantivo
. . Artigo

Leiria. ERNESTO D'A. HENRIQUES.

EM QUADRO

— — — O vestido
— — — d'esta senhora
— — — é um fructo

Coimbra. ABRUNHOZA.

ADIVINHAS POPULARES

Sou arbitro da desgraça
E tambem da boa sorte;
Em vida nada governo,
Governo depois da morte.

Por conta ás vezes dou conta
D'abundante cabedal;
E, procedendo d'um bruto,
Faço bruto o racional.

Com o prestimo que tenho
O meu nome não condiz;
Só por interesse faço
O desgraçado feliz.

Sirvo uma fera senhora,
Para a servir me criei;
E' tão nobre que anda ás vezes
Até ao lado do rei.

Seja no campo ou na côrte,
Traz uma guarda comsigo;
Porém nunca está melhor
Do que quando está commigo.

Não lhe posso reprimir
Os impetos que ella tem,
Mas commigo é que se acouta
Apenas offende alguem.

PERGUNTA ENIGMATICA

(Ao auctor d'uma outra, publicada no n.º 37, cuja decifração é *Tigre*)

Qual é a palavra, que é rio e peixe?

Porto. N. A. D'ALBUQUERQUE.

LOGOGRIPHO

Sendo distincção honrosa—8—3—4—8—6—3—8—5
Não duvideis que é sciencia—5—6—9—10—3—10—1—8—5
E doença perigosa—5—3—6—8—3—5
Que dá provas de demencia—1—10—3—10—1—5—3—8—5

Juntando a este metal—1—5—6—3—2—4—8—10
Uma aldeia italiana—1—5—9—7—3—6—10
Achareis um animal—10—3—5—6—9—10
Que muitas vezes engana—5—6—10—8—9—10

Conceito, leitor amigo:
Já o dou com mil vontades!
Porém, sómente vos digo
Que o todo *traz novidades*.

MATHEUS JUNIOR.

PROBLEMA

Quaes são os numeros cuja somma é 45, e que, multiplicados respectivamente por $\frac{3}{4}$, $\frac{4}{5}$ e $\frac{6}{7}$, dão productos eguaes?

MORAES D'ALMEIDA.

DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS:—Sacristão—Girafa—Bisturi—Fanão—Melro—Mochila—Aguia—Antonino—L.—Pe ro la
ro ma na
la na da

DO LOGOGRIPHO:—Oliveira d'Azemeis.

DO ADAGIO:—Não serás abastado, se primeiro não fores honrado.

DO PROBLEMA:—Sendo x um dos numeros procurados, como $8x + 1$ deve ser um quadrado, (necessariamente numero impar), será tambem a raiz impar; logo $8x + 1 = (2n + 1)^2$, sendo n inteiro, d'onde se tira $x = \frac{n(n+1)}{2}$.

A RIR

Um carvoeiro entra no estabelecimento de um oculista e pede oculos para lêr.

—O sr. lê com a sua vista natural?—pergunta-lhe o oculista.

—Não senhor.

—Então faz favor de ir experimentando esses.

O carvoeiro experimentou quasi todos e diz, por fim:

—Não me servem nenhuns.

—Mas, uma coisa: o sr. sabe lêr?

—Ora essa! Que pergunta! Pois se eu soubesse lêr para que precisava de oculos?

*

N'uma banca de jogo:

—Jógo!

—Retiro os meus cinco tostões!

—Mas o senhor não apontou coisa alguma!

—Não? Então, retiro... o que disse.

*

Dois amigos que não se viam ha muitos annos, um engenheiro e outro poeta, encontram-se debaixo da Arcada do Terreiro do Paço.

—Adeus, Jorge, tu por aqui?

—E' verdade: vim tratar d'uns negocios. E tu, que fazes em Lisboa?

—Vivo do meu talento.

—Devéras? Pois ninguem acredita que se possa viver aqui com tão pouco!

UM DOMINÓ.

UM CONSELHO POR SEMANA

RECEITA PARA FAZER COGNAC

Espirito de vinho..................	15 litros
Agua pura..................	10 »
Assucar queimado..................	4 onças
Extracto de cognac..................	2
Xarope de melaço..................	400 grammas

Misture-se tudo, agite-se bem, e obteremos assim um excellente cognac.

CONTOS DA CARÓCHINHA

AS TRES BOAS FADAS

(CATULLE MENDÉS)

Havia n'esse tempo tres fadas:—chamavam-se Abonde, Myrtile e Caricine:—estas tres fadas eram boas, além do que se poderia imaginar. Não sentiam prazer senão em soccorrer os desgraçados, e era n'essa tarefa que empregavam todo o seu poder. Por cousa alguma do mundo se envolveriam nos folguedos das suas iguaes, ao luar, no bosque de Broceliande, nem se assentariam na sala dos festins, servidas por sylphos que enchem de gottas de orvalho os calices dos lyrios, se não tivessem primeiro consolado alguma dôr humana: é as fadas tinham o ouvido tão apurado, que mesmo de longe sentiam apertarem-se os corações e correrem as lagrimas.

Abonde, que visitava de preferencia os arrabaldes das grandes cidades, apparecia de repente nas casas pobres, entrando ora pela fresta ora pela chaminé: compadecida ao aspecto d'essas mansardas, onde tremiam e morriam de fome miseraveis familias sem trabalho, a fada metamorphoseava-as em sumptuosas residencias, guarnecidas de bellos moveis, providas de dispensas atacadas de viveres e de cofres cheios de moedas de oiro.

Não menos caritativa, Myrtile frequentava sobre tudo a gente do campo, que se lamenta nas suas cabanas quando o granizo queima a flor dos pomares, e que entre a hucha sem pão e o armario sem roupa, pergunta se não seria preferivel abandonar os filhos na floresta, á falta de os poder sustentar e vestir: a fada restituia-lhe a coragem, offerecendo-lhe talismans, aconselhando-lhe que fizessem votos, que não deixavam nunca de realisar-se: e muitos, que chegaram a não possuir uma migalha de pão para offerecerem a um pintarroxo que vinha bater com o bico na vidraça, viam-se de repente abastados, felizes, dirigindo uma casa amplamente fornecida, como um poderoso monarcha, habitando um palacio de porphiro e pedrarias.

Quanto a Caricine, o que mais a interessava eram os desgostos dos namorados; ella transformava as inconstantes e as coquettes, em amantes fieis, conseguia enternecer os pais avarentos que se negam a sanccionar a ventura de seus filhos: e quando sabia que um pobre mendigo se apaixonara pela filha de um rei, metamorphoseava-o em um principe bello como o dia, afim de

que elle podesse desposar a mulher amada. De sorte que, se este estado de cousas se prolongasse por muito tempo, desappareciam da face da terra, graças ás tres boas fadas, as miserias e angustias.

*

Era isso o que não convinha a um genio mau, que nutria contra os homens e as mulheres sentimentos abominaveis: só a possibilidade de deixar de haver no mundo soffrimentos e lagrimas, causava-lhe um insupportavel tormento: o genio enfurecia-se contra as tres excellentes fadas,—não sabendo qual das tres lhe inspirava mais odio—; resolveu, por conseguinte, mallograr-lhes o poder que empregavam em fazerem felizes os desgraçados.

A empreza era facil, pois que se tratava de um genio poderosissimo.

O genio mandou comparecer as fadas na sua presença: depois, franzindo as sobrancelhas, annunciou-lhes que ia prival-as, por espaço de muitos seculos, do seu feerico poder: acrescentando que só dependia da sua vontade transformal-as em animaes malfasejos, ou em objectos inanimados taes, como troncos de arvore, regatos, etc.; mas que, por um impulso misericordioso, lhes permittia escolherem as formas sob as quaes deveriam passar o seu tempo de penitencia.

Não se calcula o desgosto que experimentaram as boas fadas! Pouco lhes importava perderem as suas glorias e os seus privilegios: de bem grado renunciariam ás danças no bosque de Broceliande e ás festas nos palacios subterraneos, onde se accendem astros de rubis: mas o que as pungia era verem-se privadas de soccorrer os miseraveis! «Pois que, pensava Abonde, hão de morrer de fome e frio nas mansardas tantas mulheres e homens, e eu não poderei consolal-os!»

«Myrtile dizia:» Que succederá, nas suas cabanas, aos camponezes e camponezas, quando as tempestades de granizo abaterem os ramos dos pomares? Quantas creanças chorarão abandonadas nas urzes dos caminhos, farejadas pelos lobos?

Caricine, soluçante, exclamava:

«Quantos namorados vão padecer! E agora que eu acabava de saber que um pobre cantor das ruas, sem casa nem familia, morria de ternura pela princeza de Trebizonda! Como ha de elle desposal-a?»

E as tres boas fadas choraram amargamente durante muito tempo, como que soffrendo todas as dores que não podiam converter em jubilos, e derramando todas as lagrimas que não podiam enxugar.

A dizer a verdade, restava ás fadas, no auge do seu desespero, um pequeno lenitivo. Sendo-lhe permittido designar as apparencias sob as quaes viveriam entre os humanos, a sua bondade descobriria talvez, mercê de uma feliz escolha, o meio de exercer-se.

Ainda que reduzidas á fatal impotencia das pessoas mortaes ou das cousas perceiveis, nem por isso as fadas deixariam de suavisar a dor dos infelizes. Reflectiram pois na melhor forma que deveriam escolher para não cessarem de ser caritativas.

Abonde, que se lembrava dos pobres das aldeias, concebeu primeiro o desejo de se ver mudada em uma pessoa muito rica, espalhando esmolas sem conto: depois, recordando-se dos fornos apagados e dos leitos sem cobertores, não lhe desagradaria ser uma chamma confortadora, um bom leito onde repousassem os trabalhadores fatigados.

Myrtile appeteceu ser uma rainha, para poder offerecer o logar de camaristas a todos os camponezes perseguidos pelos rigores do inverno.

Quanto a Caricine, desejando lisongear e suavisar os corações, consentiria de boa mente em ser transformada em uma bella esposa, fiel, sincera, cuidando unicamente da felicidade do esposo, ou em uma timida e amante noiva.

Em seguida, occorreram-lhe outros pensamentos: e as fadas hesitavam, comparando as vantagens das differentes metamorphoses.

QUE BELLA CABEÇA!

*

Entretanto, o genio gritou:

—Então! já escolheram? Ha muito que deliberam, e eu não tenho tempo a perder. Que desejam ser? Vamos, fallem sem demora, assim o exijo!

Houve ainda um longo silencio: em seguida, Abonde tomou a palavra:

—Quero ser o vinho que se bebe nas tabernas aldeãs! Porque, superior ao pão da esmola, ao vapor morno da sopa e ao repouso do leito, a consoladora embriaguez encanta os corpos e os corações fatigados.

—Quero ser, disse Myrtyle, as cordas da rebeca de um velho menestrel! Porque, ainda mais do que os fatos de brocado, que substituem os farrapos, a canção e a dança animam os pobres.

—Quero ser, disse Caricine, a bohemia das ruas, que offerece aos transeuntes o seu riso e os seus beijos! Porque é no amor livre, aventuroso, cambiante, sem decepções nem saudades, que o homem esquece o enfado e o desespero annexos á existencia!

Desde esse tempo, Abonde ri nos copos cheios sobre as mezas das tabernas, Myrtile faz dançar as nupcias campestres debaixo das arvores da grande praça ou no pateo das estalagens: mas no meio do prazer que experimentam as fadas despenhadas, ao sentirem a vibração da alegria de que são origem, um espinho punge-as: a emulação despertada por Caricine: porque as duas ex-fadas não ignoram que foi ella que escolheu a melhor caridade.

ESMERALDA.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal			**Em todo o Brazil**		
Anno, 52 numeros....	1$560	réis.	Anno, 52 numeros...	8$000	rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780	»	6 mezes, 26 numeros.	4$000	» »
3 mezes, 13 numeros..	390	»	Avulso..............	200	» »
No acto da entrega....	30	»			

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA